# CONHECIMENTOS UTEIS.

## HERVA-TURCA.

138 Ao escriptorio da REVISTA tem affluido grande número de pessoas para examinarem ésta herva cujas virtudes foram indicadas pelo Sr. P. B. no n.º 9 d'este jornal. Muitos assignantes da REVISTA, de fóra de Lisboa, pediram tambem pequenas porções d'esta herva, para a maior parte desconhecida.

A Administração da REVISTA achou-se em embaraços para satisfazer a todas éstas requisições que lhe eram feitas em nome da humanidade. A porção que lhe fôra remettida era pouca e sècca. Recorreu porém ao bondoso ânimo do Sr. J. P. de Lima, de Torres-Vedras, que se dignou enviar para o escriptoria da REVISTA outra pequena porção d'ella verde. A Administração tem pois o gôsto de annunciar aos assignantes d'este jornal que está habilitada, e continuará a sêl-o, para lhes fornecer as amostras que lhe forem exigidas.

Algumas indicações botannicas, devidas em parte ao mesmo Sr. J. P. de Lima, completarão tudo que a este respeito a Redacção póde dizer.

Ha duas especies de *herva-turca*, uma lisa e sem cabello (*herniaria glabra*, de Linneu), outra aspera e cabelluda (*herniaria hirta*). Os francezes chamam *turquette* ou *herniole* a uma, e *herniaire-velue* a outra. Alguns pharmaceuticos conhecem-na pelo nome de *herniaria multigrana serpylifolia*, ou *polyganum minus*, *et milegrana maior*. As suas virtudes diureticas, astringentes e proprias para a cura das hermias, são therapeuticamente conhecidas; mas no nosso paiz mesmo existe de ha muito, grande fé nas suas qualidades medicinaes; póde ver-se Curvo nas 'Observações medicas'. J. B. de Andrade na sua 'Memoria sôbre os bosques', pag. 100, diz que ella se dá muito bem nos areaes; é o mesmo torrão que para sua cultura lhe assignalam os francezes.

## COMMERCIO DOS AÇORES.

139 Nas folhas inglezas incontra-se uma notícia singular. A Inglaterra é, como todos sabem, chamada ironicamente a 'terra das batatas,' não so pelo decidido gôsto dos inglezes para este fructo, mas pela grande cultura d'ellas que n'aquelle territorio se faz, e pela sua excellente qualidade. A abundancia é tal que permitte uma ampla exportação das sobejidões do consummo — apezar de serem as batatas uma das producções da natureza mais capaz de ser aproveitada em muitos e differentes usos, todos na Inglaterra praticados: ha poucos annos ainda, póde-se dizer que em Lisboa se não comia batata senão ingleza.

Apezar d'isso tudo porém, ha um solo ainda mais fertil n'esta producção, ha uma terra que ousou importar batatas na 'terra das batatas' — ésta terra é o archipelago dos Açores, torrão abençoado, capaz de todas as producções se os seus habitantes, conhecendo os seus interesses, se entregassem a industria agricula e commercial para que a natureza os convida e a indole parece affugental-os.

Um navio dos Açores carregado de batatas aportou a Londres. A novidade fez sensação; mas foi bem recebida: os inglezes, que teem voto na materia, acharam no fructo açoriano algumas qualidades preferiveis ao do seu paiz: além d'isso o clima dos Açores permittindo a apanha das batatas muito mais cedo do que na Inglaterra, dá aos habitantes d'Albion o prazer de saborearem o fructo predilecto um mez antes de o poderem obter indigena.

Éstas circumstancias poderiam produzir para os Açores um novo ramo de commercio; mas é necessario que a prudencia e a intelligencia lhe presida: primeiro que tudo carece-se de fazer acreditar o genero, e attrahir consummidores. O fructo exportado deve ser escolhido d'entre o melhor. Os fructos dos Açores são pouco duradoiros; a podridão alcança-os depressa: é uma condição do clima, do torrão talvez, que os cuidados da cultura poderiam porventura prevenir alguma coisa; mas é; e n'esse caso convem procurar o local em que o fructo seja de melhor qualidade e mais duradoiro. Todos os dias a experiencia está mostrando o muito que se perde para sempre pelo pouco mais que se ganha d'uma so vez. Não ha muitos annos fizeram-se da Inglaterra incommendas de trigo para Lisboa. A cobiça apoderou-se d'uns poucos de especuladores; atravessaram-se, e á porfia todos quizeram vender primeiro: o resultado foi o trigo ser do peior; o genero ficar desacreditado em Inglaterra; as incommendas não se repetirem; e estancar-se assim um ramo commercial que poderia ser summamente vantajoso. Com o vinho-do-Porto tem acontecido o mesmo em quasi todos os mercados. Com a laranja dos Açores tambem um pouco... os malles que d'aqui resultam são manifestos.

O commercio dos Açores reduz-se a mandar cereaes para Portugal e laranja para Inglaterra: e todavia se houvesse industria e especulação mercantil os ramos do seu commercio poderiam ser muitos e variados. A abundancia de gados n'algumas das ilhas do archipelago, nomeadamente San'Jorge, permittir-lhes-ia a exportação de queijos, manteiga, carne-salgada, coiros, lans, chiffres etc. se a este proposito se dedicassem cuidados e se empregassem diligencias. O queijo e a manteiga são aqui em Lisboa bem acceitos, e não duvido que se os respectivos processos de manufactura fossem aperfeiçoados a manteiga subisse á da primeira sorte de Cork, e as qualidades do queijo se multiplicassem. O solo dos Açores é essencialmente agricula; mas é necessario aproveital-o, e este aproveitamento consiste em tirar d'elle todas as vantagens possiveis multiplicando a variedade dos seus productos. É sabido que o clima do archipelago participa quasi igualmente do do Brazil, e leva-lhe vantagem em ser mais temperado: evidentemente, os generos produzidos no Brazil e na Africa produziriam tambem nos Açores. Porque se não fórma alli uma companhia agricula e commercial para explorar os dões que a natureza quasi espontaneamente offerece a seus incuriosos habitantes? Proponham ao govêrno os meios de que necessitam, requeiram, instem, se porventura se carece de providencia governativa que os auxilie. Que negligencia é essa que se conforma tam apathicamente com a depreciação dos cereaes no mercado de Lisboa, e lhes não procura outro mercado, nem experimenta outro commercio, outra industria, outros meios de os fazer valer ou compensar-lhes as perdas? Que meditem bem na sua situação e na das coisas actualmente os proprietarios açorianos. Da união vem a fôrça: da industria a felecidade dos povos.

## HOMŒOPATHIA.

140 *Rio-de-Janeiro 24 de junho de* 1845. — *Sr. Redactor da* REVISTA UNIVERSAL. Parece que os conhecimentos humanos não teem sahido jamais de um circulo vicioso, e que simplesmente nas fórmas se nos antolham novos e depurados; mas não é assim: que essencialmente depurados e novos são muitos, como se em seu progresso percorressem longa espiral, que a tempo chegará do cahos á luz eterna. — Conduzil-os, ir com elles, é quanto cumpre á serie de gerações de que são elos as nossas existencias. — Façamol-o. — Nem vos dê reparo que de tão longe e baldo de meios tente ajudar-vos. É meu destino. Acceitai minha cooperação como eu supplico a vossa, e caminhemos ao mesmo fim sem de nós curar.

Déstes cabimento á publicação de um juiso ácerca de certo impresso, em que trabalhei, com o fim de dispor os animos de quem falla a nossa lingua para mais tarde ou mais cedo admittirem uma verdade cujas consequencias longe estão de ser devidamente apreciadas ou que nem mesmo previstas são. Fallo do communicado n.º 4021 a pag. 407. — Tendes-me dado portanto o direito de responder. — Espero com toda a razão que publicareis ésta resposta. — Haveis aberto um vasto campo á discussão de principios que mais tarde pelos factos serão julgados. Tendes feito um grande serviço ás sciencies e á humanidade. Em seu nome, se tanto posso e me cabe, vos agradeço, assim como ao digno medico portuguez a que respondo respeitosamente, não me esquecendo de que talvez seja meu mestre.

Não quero de fórma alguma defender esse impresso (intitulado: 'folhinha homœopatica' para o anno de 1845) porque sou o primeiro a reconhecer que tem defeitos (não obstante dizer o meu illustre collega que *tem ella* (folhinha) *bastante novidade, não é destituida de utilidade, e olhada mesmo pelo lado typographico é bastante curiosa*): pretendo corrigil-o e fazer outros melhores. Quero so defender-me de haver feito um mau parallelo entre a medecina homœopathica e a allopathia; confirmar as esperanças e receios da *ida de um apostolo para fundar o instituto homœopathico portuguez*: e atrahir a attenção dos leitores da REVISTA para a doutrina dos similhantes. — Em quanto ao credito dos auctores d'esse impresso basta-me pela minha parte haver merecido que um medico portuguez lesse e analysasse o meu trabalho, e que vós desseis publicidade a similhante analyse.

Dizemos nós — *o fogo, esse poderoso destruidor das forças medicinaes é o principal agente das preparações da pharmacia vulgar* — e comparando dissemos — *a fricção e o sacudimento, esses creadores das potencias electricas são os principaes agentes da pharmacia dynamica* — e responde-se-nos — «quem é que... poderá defender que a electricidade altera menos a acção medicamentosa das drogas do que o calorico...?» mas não se destingue que no primeiro caso se tracta de calorico applicado (fogo) e no segundo de electricidade, e por isso tambem de calorico e luz, desinvolvidos. — Dizer que os extractos (isto é: certos extractos por calorico interposto) provam o contrario não procede, porque podem elles reunir em menor volume e pêso de massa a fôrça livre medicamentosa de toda a substancia empregada para os fazer, mas nada augmentam a essa fôrça, entretanto que pela trituração e pelo vascolejamento, ou seja desinvolvendo luz, calorico, electricidade, galvanismo etc., ou como quer que seja, novas propriedades se manifestam e grande energia ganham aquellas que a substancia patenteava antes de passar por essas operações. — Quereis indagar a verdade? Sois de tão boa-fé quanta inculcais que nós não temos? Fazei extractos de lycopodio, d'essa planta de vós tão desconhecida que a empregaes com a mesma indifferença com que vos servis do amido involvendo pilulas; empregai o calorico que vos parecer bastante, submettei-a á acção da luz, á influencia da electricidade, do galvanismo, magnetizai-a até mesmo se quizerdes, nada melhor conseguireis: então submettei-a á trituração prolongada e tomai d'ella por tres ou quatro vezes a menor porção que pesar possam vossas balanças, e vede com vossos olhos que nem sempre o que sabiamos hontem é o mais acertado, e que de dia para dia nos fica uma licção atrazada. — Que fazeis do carvão de areia, das cascas de ostra, da prata e do oiro em folha? — São para vós corpos inertes: não sabeis por elles que nada, absolutamente nada, existe na natureza que deixe de ter influencia sôbre o homem, porque nada existe sem vida e porque a vida é uma so por varios modos patente nos seres varios. — E ésta verdade, que previsto havemos, nol-a mostra inteira o dynamismo. E nas mãos invisiveis d'esses homens, escolhidos para servir-nos de guia no tenebroso labyrintho das conjecturas, vibram em torno de nossas cabeças os fachos da luz divina: e nós lhe não conservaremos fechados por longo tempo os olhos, porque atravez de palpebras espessas, como atravez do corpo mais opaco, a luz penetra, illumina, humilha.

Se por tal fórma os processos da pharmacia dynamica desinvolvem propriedades medicamentosas nos corpos que são reputados inertes, innocentes, quaes deveriam ser as dóses em que taes drogas se haviam de administrar aos infermos? Se administrando essas substancias em dóses cada vez mais pequenas se reconhece que são ellas ainda activas, como desprezaremos esses conhecimentos so porque vão de encontro com velhas práticas, e não cabem nas apertados limites das hypotheses propaladas? — Como negar podêmos aquillo que vemos com todos? Serão mais satisfatorias as explicações que se tem dado das altas dóses do que toda e qualquer que demos das infinitisimaes? Sabemos nós porventura como aquellas ou éstas obram sôbre a economia? — Não: mil vezes não. Conjecturâmos, e nem mesmo as conjecturas nos satisfazem pois de contínuo as reformâmos.

Chamai quanto quizerdes exaggeradas as dóses infinitisimais, porém seja depois de vos terdes submettido á sua influencia. Dai, como o menos severo juizo que da homœopathia vos dignais fazer, o de ser ella uma medicina spectante; mas concedendo que *são inegaveis muitos casos de curas homœopathicas*, concedei tambem que os meios que ésta medicina emprega, *por habil mão*, nunca em doses tão pequenas são fataes como essas drogas infectas tão nojentas que nos ensinaram a fazer ingerir á força nos estomagos infermos, nem como esses meios negativos com que figurâmos de sanguisedentos, nem como esses ferros em braza com que martyrisâmos quem se nos confia. — Concedei, reconhecei que ésta medicina, que a serdes mais severos chamarieis absurda, mortifera, abominavel, tem modificado por tal sorte a medicina antiga

que muito menos barbara se exerce ella, e que, sem confessar a verdade da lei dos similhantes, os medicos, empregando menos complicadas formulas e debaixo d'essa lei, vão tirando maravilhosos resultados da sua clinica, seguindo a seu pesar os preceitos de Helinemann. — Para prova do que digo vede os livros modernos e jornaes, e calculai a diminuição da mortalidade aqui, como em qualqur parte onde a homœopathia póde ter algum desinvolvimento. — Vós sois de boa-fé; caminhais sempre *com os principios da sciencia na mão;* supponho-vos muito disposto a abraçar as novas doutrinas logo que, como eu fui, fordes convencido da sua verdade, e eu concebo esperanças de que ainda me ajudareis a estabelecer o culto d'essa verdade incontestavel.

Longe de minha patria menos d'ella me esqueço do que talvez em seu seio, porque a saudade alimenta sentimentos que a saciedade embota. Tenho aqui trabalhado quanto me tem sido possivel para estabelecer a prática da medicina homœopatica. Grandes tem sido as difficuldades que temos encontrado, mas qual póde ser o obstaculo que se não vença por força de vontade? E como não sería minha vontade forte se, reconhecendo que éstas duas nações não poderão jamais deixar de imitar-se porque são irmans e amigas, sabía que reconhecida n'esta uma verdade com menores embaraços porque menos erros venerados existem cá, essa verdade não poderia então custar muito a dominar os tantos erros inveterados que existem lá?

Affirmo-vos portanto que anhelo pelo instante de partir para Portugal a estabelecer ahi um instituto homœopathica, que lhe seja tão util como aqui tem sido o que ajudei a fundar. — Sei quaes hão de ser os embaraços em que hei de ver-me; sei quantos interesses offende a nova doutirna medica, e quanto esses interesses transtornam cabeças e corações ainda os mais sensiveis e os de mais recto juizo; mas não importa; sei tambem que os pobres são os primeiros a que se estendem os beneficos effeitos d'essa medicina e d'essa instituição; sei quanto a moral pública vai ganhar proporcionando-se aos chefes de familia pobres os meios mais suaves e sem dispendio algum para se tratarem em seus domicilios, evitando os hospitaes, evitando ausentar-se de suas casas onde a miseria havia de entrar para sahirem a prostituição e os crimes — Se eu temêra affrontar tantos prejuizos, tantos velhos abusos, a coalisão de tantos interesses ameçados de completa ruina, eu não emprehenderia essa tentativa, porque muito é o que tenho ainda a fazer por cá, nem tão pouco a annunciaria para não despertar odios e uma opposição compacta; mas eu que tenho a intima convicção de que sirvo a verdade e com ella o meu paiz, e de que por esse pequeno esforço vou servir a humanidade inteira, que mais tarde gosará do meu trabalho, como hei de eu temer? E se eu sei que é breve a vida, e se presinto que mais alguma coisa tenho que fazer em tão breve espaço, porque não me hei de dar pressa? — Ficai certos de que so muitas circumstancias alheias de minha vontade me poderão embargar passo e deliberação — Não é em mim que eu confio, pois me reconheço fraco, é na divina providencia e na santidade da causa que advogo. — Livre vos fica fazerdes de mim o juizo que quizerdes: pois que ja tenho trabalhos politicos, responderei com elles, e o porvir tambem.

Sois de boa-fé. Bem se vos vê disposto a sacrificar antigas convicções e doutrinas recebidas, a novas doutrinas que a razão e os factos vos dão claras e provadas como a vossa propria existencia, mas que nem por isso melhor comprehendeis: continuai, vos supplico, no acertado caminho em que haveis entrado; publicai a comparação dos dois systemas tal qual está n'esse impresso e assim tambem outros artigos; censurai-os, criticai-os, satyrisai-os como vos aprouver, mas fazei que sejam conhecidos e por todos os lados vistos pelo povo, que tem direito a ser salvo de suas infermidades ou alliviado de suas dores, ou seja por vós ou por nós, com tanto que seja por quem razão tiver e tiver meios reaes e verdadeiros.

Espero sr. redactor de vossa imparcialidade e amor ás lettras a publicação d'estas linhas com que muito obrigareis, honrando, *João Vicente Martins.*

---

**REMEDIO CONTRA QUEIMADURAS.**

141 Ha tempos que um jornal francez transcreveu o seguinte facto, de que nada se perde em dar conhecimento aos leitores da REVISTA, e que poderá porventura ser certo, e fôra n'esse caso falta cruel e indisculpavel occultar-lh'o:

Na Carolina do Sul (America) uma creança de 7 annos tendo cahido n'uma grande fogueira, quando a tiraram a deitaram casualmente sôbre um monte de algodão em rama que estava no meio do quarto, em quanto a toda a pressa se foi procurar um facultativo. Como este morasse longe demoraram-se bastante tempo; ao voltarem acharam a pobre creança dormindo muito socegada em cima do algodão. Quando a acordaram não deu um unico signal do mais leve soffrimento, apezar da queimadura ter sido das mais terrivets.

Alguns dias depois, o algodão, que se lhe pegára ao corpo, começou a cahir por si mesmo, e em menos de um mez a creança estava completamente curada.

Esta cura tão extraordinaria foi publicada em todos os jornaes americanos, e desde então tem-se empregado repetidas vezes ésta receita sempre com muito feliz resultado. *(Diction. des Mènages.)*

---

**PORCELANA PORTUGUEZA.**

142 De todos os *industriaes* portuguezes um dos que mais gloriosamente merece este nome, honroso no nosso seculo, é a Casa dos Srs. Ferreira-Pinto, pela intelligencia, esforços e perseverança, com que ha muitos annos se empregam no ingrandecimento e lustre da industria nacional. A Casa dos Srs. Ferreira-Pinto póde e deve ser declarada *benemerita da patria*, e ficâmos que o sem número de braços portuguezes que se empregam nos seus vastos estabelecimentos, quintuplicados pelos de suas familias, se erguem todos os dias ao ceu pela prosperidade do seu bemfeitor.

Ha annos bastantes que a fábrica de Vista-alegre ostentava lindos productos nos seus armazens da Boavista em Lisboa; mas estes productos, apezar de todos os esforços que para isso se empregavam, não eram ainda tam abundantes e de preços tam commodos que podessem competir com similhantes productos extrangeiros, ainda que na qualidade e na belleza ja os egualavam. Agora porém parece haver-se alcançado o que se carecia para que estes productos apparecessem no mercado com todas as circumstancias de competen-

cia com os extrangeiros, e uma vez n'esse estado preferirem-lhes como *nacionaes*, É com a maior satisfação que vemos isto annunciado:

«A porcelana da fabrica de Vista-Alegre tem progressivamente melhorado em qualidade, á proporção que os seus preços teem consideravelmente baixado, e póde hoje equiparar-se á melhor porcelana extrangeira.

Nos armazens da mesma fabrica, na rua direita da Boa-Vista n.º 4 P, acharão os compradores um variado sortimento de louça para serviço, tanto de cha, como de mesa, em branco, doirada e pintada, imitando a porcelana franceza e a da China, por preços tão baixos que tornam summamente preferivel o uso d'esta louça, ao da louça de pó de pedra, por isso que sendo incontestavel a superioridade da consistencia, duração, e belleza da porcelana, o seu preço é hoje quasi egual, e talvez inferior ao da de pó de pedra.»

Quando se emprega a constancia e a diligencia o *fim coroa sempre os esforços*. Aqui está o exemplo que os nossos industriaes tem a seguir e imitar. Não esperem elles que em quanto os preços forem superiores e inferior a qualidade aos productos extrangeiros do mesmo genero, não esperem, digo, que por simples patriotismo elles se lhes comprem. Assim como sería *caturrice* mui censuravel e digna de mofa a preferencia de um producto extrangeiro que não leve vantagem a outro egual do paiz; tambem não se daria um nome agradavel áquelle que por uma exaggeração de sentimentos patrioticos, que não podem achar reflexo, preferisse um producto nacional contra todas as conveniencias de utilidade.

Da mesma fórma os nossos industriaes não devem nem podem esperar ganhar logo e muito na extracção dos seus productos: o tempo e as diligencias secundam as boas empresas; atenham-se a isso que o resultado hade acabar por lhes ser favoravel: e se não estão competentemente habilitados por todos ós modos para certas empresas, por Deus! que as não tentem, porque se perdem a si e desacreditam-nas a ellas. Como eu poderia exemplificar ésta consideração!...

Supponho que hoje os direitos protectores das nossas pautas são sufficientemente favoraveis á industria-nacional. A demasia é prejudicial em todas as coisas: se o excesso dos direitos embaraçasse os productos da industria extrangeira de penetrarem as nossas alfandegas, o contrabando cresceria, e o resultado sería contraproducente mesmo em relação á industria do paiz. Sem concorrencia, sem exemplos, sem emulação... quanto não descahiria ella, ou antes decerto nunca teria progresso. O meio unico é fazer melhor e mais barato. Calcule-se bem primeiro a empresa, se isso póde chegar a conseguir-se, em boa hora se ponha ella em prática, *senão — não*.

O excellente artigo sôbre industria que hoje publíca a Revista, devido á penna illustrada do Sr. Luiz Antonio Rebello da Silva, me dispensa de mais considerações a este respeito; preciso porém para completar o meu pensamento, dizer ainda mais duas palavras. Se os direitos protectores não são ainda sufficientes, representem os industriaes, peçam; levem ao govêrno, ao parlamento, as suas justas reclamações — hão de ser attendidos. Unam-se, formem congressos industriaes, e associações mercantis, que sejam uma *realidade*: hão de ser respeitados e ouvidos. Nos systemas representativos uma grande parte da responsabilidade e dos meios da prosperidade do povo, pésa e provém d'elle mesmo. Os govêrnos estimulam, protegem, promovem quando muito; mas a *acção* está no povo. Os seus interesses politicos e materiaes é a elle que incumbe fomental-os, e guardal-os, procurar-lhes ingrandecimento e força.

---

### TORCIDAS DO SABUGO DO JUNCO.

143 Li com muito gôsto o artigo 127 da Revista n.º 10, e posso dizer alguma coisa relativamente a éstas torcidas por quanto faço uso d'ellas ha muito tempo. Conheço todas as propriedades citadas no mesmo artigo; todavia a prática continuada me fez lembrar um meio que torna éstas torcidas não so mais perfeitas mas tambem mais vantajosas: vem a ser: depois de extrahidas da sua orla, mergulhal-as n'um banho de cera: por este processo não so durarão mais tempo e ficarão mais consistentes; mas tambem não será preciso estar sempre a atiçal-as (o que não havendo cuidado quebra-as mui facilmente em razão da sua pouca consistencia). Remetto a essa Redacção umas poucas que actualmenta tenho, para os assignantes da Revista conhecerem praticamente os seus bons resultados. *Isidoro José Gonçalves.*

---

### DO COMMERCIO NA SUA LIGAÇÃO COM A AGRICULTURA E INDUSTRIA NACIONAL. *

INDUSTRIA.

144 Sobre a base de que as artes e industria se alimentam e desinvolvem dando novo valor, fórma, uso e consummo ás producções da terra e agricultura, descançam as seguintes maximas:

1.ª Que é propriamente industria nacional aquella a que o solo e lavoira nacional fornecerem as materias primas.

2.ª Que os estabelecimentos industriaes devem formar-se nas localidades para isso apropriadas pela abundancia das respectivas materias primas; e pela facilidade e economia das conducções e carretos das mesmas materias, e do transporte dos productos aos seus mercados, ou depositos:

3.ª Que os estabelecimentos industriaes empreguem as máchinas e processos mais apurados, e a par do aperfeiçoamento e economia de mão-d'obra, com que se acharem montados e trabalharem estabelecimentos análogos em Inglaterra ou França; onde deverão buscar, e d'onde deverão trazer e seguir em tudo os modêlos e normas theoricas e práticas, os portuguezes que se proposerem a fundar estabelecimentos industriaes consideraveis, ou melhorar os existentes: por ser, quanto a estabelecimentos novos, a maneira de se formarem e abrirem a sua carreira com productos tão perfeitos e economicos como os fabricados nos referidos paizes; e quanto a estabelecimentos existentes, a maneira de avançarem e conseguirem essa mesma egualdade de perfeição e economia industrial, em vez de permanecerem em atrazo obstinado, ou desperdiçarem tempo e capitaes em tentativas ao acaso para descobrirem e acharem aquillo mesmo que está descoberto e achado, e se pratica com certeza e perfeição nos analogos estabelecimentos industriaes dos ditos paizes:

4.ª Que para assim fundar ou aperfeiçoar, e em todo o caso dirigir qualquer estabelecimento indus-

* Continuado de pag. 114.

trial, é preciso saber cabalmente a theoria e prática da respectiva industria, de tal fórma que não so conheça scientificamente, mas saiba praticar todo e qualquer processo ou operação desde a mais facil até á mais difficil. O que não tiver ésta habilitação, e alias tiver capitaes e tendencia decisiva para algum estabelecimento industrial consideravel, o meio consiste em ir procurar em Inglaterra ou França, um mestre ou contra-mestre habil e accreditado n'essa especie de industria, com quem faça sociedade entrando com os capitaes e o socio com a sua industria; trazer com elle as respectivas máchinas, que se não souberem fazer no reino, ou se fizerem por preços desproporcionados; trazer egualmente os necessarios operarios escolhidos e ajustados pelo mesmo socio, interessado em bem os escolher e ajustar; e assim fundar e pôr em trabalho o respectivo estabelecimento, deixando ao mestre socio a direcção industrial, tomando para si a parte administrativa, buscando logo mancebos nacionaes que aprendam todos os processos e operações da mesma industria, e aprendendo-a tambem elle como o mais interessado em a saber e fazer prosperar:

5.ª Que àssim como a perfeição e economia dos productos industriaes depende das mais perfeitas e expeditas máchinas que se empregarem no seu fabrico, da mesma fórma o machinismo respectivo depende do seu motor. Entre os motores é a todos preferivel a agua pela economia e certesa regular do movimento e trabalho: segue-se o vento convenientemente aproveitado e applicado: vem depois os animaes a isso apropriados: vem finalmente o vapor, que representa hoje o primeiro papel nos mais importantes estabelecimentos industriaes de Inglaterra e França: attendendo porêm a que é preciso mandar vir do extrangeiro, a grande custo, as máchinas de vapor e o perito que as assente; a que, no caso de se quebrarem ou desconcertarem, se interrompe e suspende o trabalho da fábrica em quanto se não concertarem ou repararem, sempre com demoras e despezas extraordinarias; a que trabalham com carvão de pedra, importado do extrangeiro, caro nos portos de desembarque, e mais caro pelos transportes se a fábrica existir a leguas de distancia dos mesmos portos; resultando assim que este motor, que em Inglaterra e França se alimenta activamente, promovendo e augmentando ao mesmo tempo a lavra e consummo do seu carvão e ferro, e a sua industria mecanica e fabril, pelo contrario em Portugal é todo passivo e forçado, e se intertem com as sobreditas materias primas e industrias, tudo do extrangeiro: por isso o fabricante portuguez, antes de adoptar este motor, deve calcular os capitaes e despezas que absorve, as contingencias que involve; a quantidade e qualidade de productos industriaes a que o destina; o consummo e mercado d'esses productos, e o preço porque os poderá vender na concorrencia do mercado interno ou externo; e depois resolver: e para resolver afirmativamente deve assegurar-se de que a circumstancia de serem do solo e agricultura nacional as materias primas compensa e cobre de tal fórma o custo e costeamento d'este motor, que os productos da fábrica não possam ser affrontados pelo extrangeiro no mercado interno por preços eguaes, e possam alias concorrer nos mercados externos por preços senão menores, pelo menos nunca superiores aos de qualquer outra nação agricula e industrial:

6.ª Que em regra, não deve o fabricante portuguez despendiçar o seu trabalho e capitaes em quaesquer especies de industria, cujas materias primas se hajam de importar do extrangeiro — e extrangeiro ao mesmo tempo agricula e fabricante; pois que os seus productos não poderão concorrer no mercado interno ou externo por preços pelo menos eguaes aos do extrangeiro que reunir as condições de agricultura e industria propria: exceptuam-se aquellas especies de industria em que o primor e mão-d'obra do artista ou fabricante constituem o valor, merecimento, e recommendação dos objectos fabricados, e em cuja proporção quasi desapparece o valor originario das materias primas:

7.ª Que em todo o caso, e em toda a especie de industria, deve o fabricante portuguez esmerar-se em apresentar productos da sua respectiva industria perfeitos e desinganados, por tal fórma que os do extrangeiro lhe não possam ser preferidos no mercado interno ou externo, nem por melhor qualidade relativa nem por preço menor; renunciando á consideração de nacionalidade, de que muito se tem abusado, para que os compatriotas comprem e consummam no interior, e o commercio envie para o exterior, productos menos perfeitos por preços eguaes ou superiores aos de industria extrangeira mais perfeitos e baratos: quando, pelo contrário, se deve considerar e presar a qualidade, talento, e espirito de nacionalidade para fornecer aos mercados, interno e externo, produductos industriaes tão perfeitos como os extrangeiros, e por preços, para o mercado interno comparativamente menores, e para o externo, nunca superiores aos de outra industria extrangeira.

Nisto vai o interesse, o galardão e o progresso de cada fabricante, de cada fábrica, e da industria nacional. N'esta conformidade procurará cada fabricante estabelecer, conservar e estender, o credito e reputação dos seus productos, contando com os nacionaes para lh'os comprarem e consummirem, e com o commercio para lh'os levar aos mercados extrangeiros.

Resta exemplificar éstas maximas, o que faremos com a sua applicação ás fabricas de cortimento de couros.

Na industria afamada de Inglaterra e França destinguinguiu-se desde antiga data, e avançou sempre em melhoramentos progressivos, o cortimento de coiros; e á certeza, perfeição, e boa-fé dos processos, e mão-d'obra, se deve a qualidade, duração e prestimo, dos coiros cortidos de cada uma d'aquellas nações, e a preferencia de que gozam nos seus mercados internos sem affronta dos extrangeiros, e predominando alias nos mercados externos, em que ésta industria, em vez de progredir, estacou ou retrocedeu.

O cortimento de coiros é uma das especies de industria para que Portugal está talhado, não so por ter e produzir as materias primas, correspondentemente ás ditas nações, e exportar para industria extranha a superabundancia de casca de carvalho e sobro, que deveria empregar na sua; mas tambem pela vantagem dos portos, e productos agriculas, apropriados para em retorno d'elles importar coirama, como aquellas nações o praticam em proporção da actividade d'esta sua industria.

Desde muitos annos tem existido e existem em Portugal varias fábricas de cortimento, sem que algumas

d'ellas tenha avançado e fabrique productos tão perfeitos e prestaveis como os de Inglaterra ou França; e o que é ainda peior, em algumas viciam-se os processos com detrimento dos coiros, resultando d'ahi productos não só inferiores mas inganosos. Todos vemos e sabemos que os sapateiros, para obra fina, são obrigados a recorrer aos cabedaes de Inglaterra ou França, por se não fabricarem no reino; e que para obra grosseira, os sapateiros de consciencia desinganada laboram na desconfiança dos cabedaes de fabrico portuguez que empregam, em quanto os de consciencia larga se encarregam de consummir os de fabrico falsificado, inganando os freguezes, ou fazendo para á feira avulsa esse simulacro de sapatos e botas, que aos tres dias de serviço se dissolvem e desapparecem. Isto pelo que pertence ao officio de sapateiro; e o mesmo acontece aos diversos outros officios e artes, que empregam coiros cortidos.

Para sahir de similhante atrazo e vergonha, e levantar no reino, com promptidão e certeza de resultado, ésta industria ao par da de Inglaterra e França, cifra-se tudo, em que o portuguez que tiver capitaes e tendencia para ésta especie de industria:

1.º Passe a visitar e examinar em Inglaterra ou França as fábricas de cortimento e preparo de coiros, e em resultado d'este exame escolha, para seu modêlo e norma, a quella que a todos os respeitos achar mais acreditada pela qualidade dos productos, perfeição dos processos, e economia da mão d'obra: praticando assim o que os proprios inglezes e francezes praticam antes de estabelecerem alguma d'estas fábricas; e que é o mesmo que praticaram os belgas para vencerem o atrazo em que estavam, e constantemente praticam para acompanharem ésta industria nos seus progressos de melhoramento, perfeição e economia:

2.º Forme sociedade com um mestre, ou contramestre habil, e acreditado pelas suas obras e probidade; e este escolha e ajuste os operarios necessarios e idoneos para executarem os processos e operações d'esta industria debaixo da sua direcção:

3.º Volte então a estabelecer no reino, em localidade opportuna, a sua fábrica, levantando-a sem aparato innutil, mas com as proporções e officinas previdentemente adaptadas ao seu objecto: e n'ella abra e desinvolva todos os trabalhos, serviços, processos, e operações de cortimento e preparo de coiros com a mesma perfeição, desingano e economia de mão-d'obra, que se executarem, e como se executarem na respectiva fábrica de Inglaterra ou França, que lhe servir de modêlo e norma, tendo trazido para isso os mais apurados instrumentos e utensilios que alli se usarem: e assim o annuncie ao público portuguez, e o cumpra exactamente, para credito e fama da sua pessoa, e reputação dos productos da sua fábrica; admittindo n'ella desde logo mancebos bem escolhidos, que debaixo do ensino do mestre, e exemplo dos operarios extrangeiros, se façam habeis officiaes e mestres d'esta industria nacional.

Os estabelecimentos, assim formados de novo, fornecerão ao consummo interno productos eguaes aos da melhor industria extrangeira, que os não poderá affrontar e vencer nem em qualidade, nem em preço; e concorrerão nos mercados externos sem os outros extrangeiros os podêrem exceder.

Pela mesma maneira que se formam assim os estabelecimentos novos, se reformam e aperfeiçoam os existentes.

(Continúa.) *Luiz Antonio Rebello da Silva.*

**ERRATA IMPORTANTE.**

No n.º precedente, por uma falta de recorrição, omittiram-se algumas linhas no § 8.º, cap. AGRICULTURA d'este interessante artigo, e confundiram-se com aquelle § as linhas finaes do § 9.º cujo n.º se ommitiu tambem. Eisaqui como estes dois §§ se devem ler.

8.º Practicar com esmerada perfeição e boa-fé os processos ultimos de que dependerem as producções agricolas para se offerecerem ao consummo, e em especial no tocante á limpeza e sécca dos cereaes, e fabrico do vinho e azeite; afim de fornecer ao mercado interno productos desinganados, e subministrar ao commercio externo as excellentes e genuinas qualidades dos nossos vinhos para concorrerem, como merecem, nos mercados extrangeiros; e dos trigos e azeites, de que ja temos excedentes, para se lhes abrir, estender e recommendar o consummo externo:

9.º Na sementeira ou plantação e cultura dos pinhaes, matas e florestas, buscar as melhores e mais perfeitas sementes ou plantas das especies d'arvores silvestres adaptadas á qualidade e localidade dos terrenos, e preferindo em eguaes circumstancias, as arvores mais prestaveis á economia agricola, ás ártes, á mecanica, e á construcção rural, urbana ou naval.

# PARTE LITTERARIA.

## VIAGENS NA MINHA TERRA.

### CAPITULO XI.

Tracta-se do unico privilegio dos poetas que tambem os philosophos quizeram tirar, mas não lhes foi concedido; aos romancistas sim. — Applicação d'estes princípios a Aristoteles e Anacreonte. — O A., tendo declarado no capitulo nono d'esta obra que não era philosopho, agora confessa, quasi solemnemente, que é poeta, e pretende manter-se como tal, em seu direito. — De como S. M. elrei de Dinamarca tinha menos juizo do que Yorick, seu bobo. — Doutrina d'este. Funda n'ella o A. o seu admiravel systema de physiologia e pathologia transcendente do coração. Por uma deducção appertada e cerrada da mais constrangente logica vem a dar-se no motivo porque foi concedido aos poetas esse direito indefinido de andarem sempre namorados. — Applicam-se todas éstas grandes theorias á posição actual do A. no momento de entrar no episodio promettido no capitulo antecedente. — Uma modestia e reserva delicada o obrigam a duvidar da sua qualificação para o desimpenhar: pede votos ás amaveis leitoras. Decide-se que a votação não seja nominal, e porquê. — Dido e a mana Annica. — Entra-se emfim na prometida historia. — De como a velha estava á porta a dobar, e imbaraçando-se-lhe a meada, chamou por Joaninha, sua neta.

145 Este é o unico privilegio dos poetas: que até morrer podem estar namorados. Tambem não lhes conheço outro. A mais gente tem as suas epochas na vida, fóra das quaes lhes não é permittido apaixonarem-se. Pretenderam accolher-se ao mesmo beneficio os philosophos, mas não lhes foi consentido pela rainha Opinião, que é soberana absoluta e juiz supremo de que se não appella nem aggrava ninguem.

Anacreonte cantou, de cabellos brancos, os seus amores; e não se extranhou. Aristoteles mal teria a barba russa quando foi d'aquelle seu último namôro porque ainda hoje lhe apouquentam a fama.

Ora eu philosopho, seguramente não sou, ja o disse; de poeta tenho o meu pouco, padeci, a fallar a verdade, meus ataques assás agudos d'essa molestia, e bem podéra desculpar-me com elles de certas fragilidades de coração... Mas não, senhor; não quero desculpar-me como quem tem culpa senão defender-me como quem tem razão e justiça por si.

Estou, com o meu amigo Yorick, o ajuizadissimo bobo d'elrei de Dinamarca, o que alguns annos depois ressuscitou em Sterne com tam ellegante penna, estou sim. 'Toda a minha vida' diz elle 'tenho andado apaixonado ja por esta ja por aquella princeza; e assim heide ir, espero, até morrer, firmemente persuadido que se algum dia fizer uma acção baixa, mesquinha, nunca hade ser senão no intervallo de uma paixão á outra: n'esses interregnos sinto fechar-se-me o coração, esfria-me o sentimento, não acho dez reis que dar a um pobre... por isso fujo ás carreiras pe similhante estado; e mal me sinto acceso de novo, sou todo generosidade e benevolencia outra vez.'

Yorick tem rasão, muito mais razão que seu augusto amo, elrei de Dinamarca. E com um pouco mais que se generalize o principio, fica indisputavel, inexcepcionavel para sempre e para tudo. O coração humano é como o estomago humano, não pode estar vazio, preciza de allimento sempre: são e generoso so as affeições lh'o pódem dar; o odio, a inveja e toda a outra paixão má é estimulo que so irrita mas não sustenta. Se a razão e a moral nos mandam abster d'estas paixões, se as chymeras philosophicas, ou outras, nos vedarem aquellas, que allimento dareis ao coração, que hade elle fazer? Gastar-se sôbre si mesmo, consumir-se... Altera-se a vida, appressa-se a dissolução moral da existencia, a saude d'alma é impossivel.

O que póde viver assim, vive para fazer mal ou para não fazer nada.

Ora o que não ama, que não ama apaixonadamente, seu filho se o tem, sua mãe se a conserva, ou a mulher que prefere a todas, esse homem é o tal, e Deus me livre d'elle.

Sôbretudo que não escreva: hade ser um massador terrivel. Talvez seja este o motivo da indefinida permissão que é dada aos poetas de andarem namorados sempre.

O romancista gosa do mesmo fôro e tem as mesmas obrigações: como o privilegio de desimbargador que tiravam d'antes os fidalgos, quando ser desimbargador valia alguma coisa... e tanta coisa!

Como heide eu então, eu que n'esta grave Odyssea das minhas viagens tenho de inserir o mais interessante e mysterioso episodio d'amor que ainda foi contado ou cantado, como heide eu fazê-lo, eu que ja não tenho que amar n'este mundo senão uma saudade e uma esperança — um filho no berço e uma mulher na cova?..

Será isto bastante? Dizei-o vós, ó benevolas leitoras, póde com isto so alimentar-se a vida do coração?

— Póde sim.

— Não póde, não.

— Estão divididos os suffragios: peço votação.

— Nominal?

— Não, não.

— Porquê?

— Porque ha muita coisa que a gente pensa, e crê e diz assim a conversar, mas que não ousa confessar publicamente, professar aberta e nomeadamente no mundo...

Ah! sim... elle é isso? Bem as intendo, minhas senhoras: reservemos sempre uma sahida para os casos difficeis, para as circumstancias extraordinarias. Não é assim?

Pois o mesmo farei eu.

E posto que hoje, faz hoje um mez, em tal dia como hoje, dia para sempre assignalado na minha vida, me apparecesse uma visão, uma visão celeste que me surpreendeu a alma por um modo novo e extranho, e do qual não podia dizer decerto como a rainha Dido á mana Annica:

> Reconheço o queimar da chamma antiga,
> Agnosco veteris vestigia flammae;

posto que a visão passou e desappareceu... mas deixou gravada n'alma a certeza de que... Posto que seja assim tudo isto, a confidencia não passará d'aqui, minhas senhoras: tanto basta para se saber que estou sufficientemente habilitado para chronista da minha historia, e a minha historia é ésta.

Era no anno de 1832, uma tarde de verão como ésta, calmosa, sêcca, mas o ceo puro e desabafado. Á porta d'essa casa entre o arvoredo, estava sentada uma velhinha bem passante dos settenta, mas que o não mostrava. Vestia uma especie de tunica roxa que apertava na cintura com um largo cinto de coiro preto, e que fazia resahir a alvura da cara, e das mãos longas, descarnadas, mas não ossudas como usam de ser mãos de velhas; toucava-se com um lenço da mais escrupulosa brancura, e pôsto de um geito parti-

cular a modo de toalha de freira; um mandil da mesma brancura, que tinha no peito e que affectava, não menos, a fórma de um escapulario de monja, completam o extranho vestuario da velha. Estava sentada n'uma cadeira baixa do mais classico feitio: textualmente parecia a que serviu de modêllo a Raphael para o seu bello quadro da *Madonna della Sedia*.

Como nota historica e illustração artistica, seja-me permittido juntar aqui em parenthesis que, não ha muito, vi em casa de um sapateiro remendão, em Lisboa, no Bairro-alto, um cadeira tal e qual; torneados pyramidaes, simples, sem nobreza, mas elegantes.

Tornemos á velhinha.

Estava ella alli sentada na ditta cadeira, e deante de si tinha uma dobadoira, que se movia regularmente com o tirar do fio que lhe vinha ter ás mãos a inrollar-se no ja crescido novello.

Era o unico signal de vida que havia em todo esse quadro. Sem isso, velha, cadeira, dobadoira, tudo pareceria uma bella sculptura de Antonio Ferreira ou um d'aquelles quadros tam verdadeiros do morgado de Setubal.

O movimento bem visivel da dobadoira era regular, e respondia ao movimento quasi imperceptivel das mãos da velha. Era regular o movimento, mas durava um minuto e parava, depois ia seguido outros dous, tres minutos, tornava a parar: e n'esta regularidade de intermitencias se ia alternando como o pulso de um que tem sesões.

Mas a velha não tremia, antes se tinha muito direita e aprumada: o parar do seu lavor era porque o trabalho interior do espirito dobrava, de vez em quando, de intensidade e lhe suspendia toda o movimento externo. Mas a suspensão era curta e mesurada; reagia a vontade, e a dobadoira tornava a andar.

Os olhos da velha é que tinham uma expressão singular: voltada para o poente, não os tirou d'essa direcção nem os inclinava de modo algum para a dobadoira que lhe ficava um pouco mais á esquerda — isto é, mais para o sul. Não pestanejavam, e o azul de suas pupillas, que devia de ter sido brilhante como o das saphyras, parecia desbotado e sem lume.

O movimento da dobadoira estacou agora de repente, a velha poisou tranquillamente as mãos e o novello no regaço, e chamou para dentro da casa:

— 'Joanninha?'

Uma voz doce, pura, mas vibrante, d'estas vozes que se ouvem rara vez, que retinem dentro d'alma e que não esquecem nunca mais, respondeu de dentro:

— 'Senhora? Eu vou, minha avó, eu vou.'

'— Querida filha!... Como ella me ouviu logo! Deixa, deixa: vem quando podéres. É a meada que se me embaraçou.'

A velha era cega, cega de gotta-serena, e paciente, resignada como a providencia misericordiosa de Deus permitte quasi sempre que sejam os que n'este mundo destinou á dura provança de tam desconsolado martyrio.

*A. G.*

---

**DO PARIATO.**

146 Por todos os codices que os antiquarios mais applaudidos da Inglaterra, auxiliados pelo govêrno, tem podido desintranhar dos archivos até 1840, em que a commissão dos *Records* publicou as antigas leis e institutos da Inglaterra, principiando em 597 e continuando até ao seculo XII, parece concludente que a Baronia feudal não existia n'aquella ilha antes da sua conquista pelo Bastardo, que foi quem alli a levou convertendo-a em lei universal do paiz. É pois d'essa epocha em diante que se deve principiar a estudar a origem do pariato inglez como elle se apresenta nos nossos dias.

Vieram com o filho de Roberto-Diabo, que é elle quem foi o pai do conquistador, á invasão d'aquelle paiz, 700 barões e 60,215 cavalleiros que os acompanharam e seguiam a bandeira dos tres leões sagrada pelo papa. N'esta succinta apostilla não pertendo, nem siquer me passa pela lembrança, postoque n'aquillo que houver de dizer ponha algum cuidado, historiar todos os passos d'esta façanha d'armas. Se eu houvesse de entrar nos seus promenores, acostado sempre a diplomas, e aos escriptos mais valiosos que se tem impresso em Inglaterra e em França, a aureola com que hoje se comprazem os representantes d'aquelles magnates, por subrogação politica, irradear os coroneis das suas cotas, muito tinha de se marear. Mau grado a guerra de York e Lancaster durante trinta annos em que não morreriam menos de oitenta principes de sangue e que tudo devastou; a despeito da suppressão das religiões por Henrique VIII, quando as lettras não estavam vulgarizadas e os mosteiros eram os tombos das familias; e não obstante a abolição da realeza, o fanatismo das seitas, e a usurpação de Cromwell; seja pela sua superstição civil que lhe faz ter em idolatria o sello-real, que acatam mais que ao proprio rei; ou seja por qualquer outra feição do seu character como nação, nenhuma outra na Europa, creio eu ser reconhecido unanimemente, conserva tanta autographia da meia-idade como ella. Na abbadia da Batalha, erguida em commemoração da maior, pelos seus resultados, que o principe désse, está ha oito seculos a ferrolhos, na casa d'ella, o rol dos barões que a peleijaram. Alguns dos seus appelidos mencionados por Thierry, que escreveu perigrinamente a historia d'esta conquista, não passam de alcunhas rasteiras, como Bon-Vilain, Boute-Vilain Trousse-lot, Trousse-bot, L'Engayne, Longue-Epée, Oeil-de-boeuf, Front-de-

boeuf, Grosse-tête, Guillaume-le-Charetier, August-le-tailleur, Guillaume-le-tambour, Ives-Taille-bois. Outros não tinham mais nome que aquelle que lhes dava a terra d'onde tinham vindo ou nascido, Mande-Ville, et Dande-Ville, etc. St. Quentin, St. Maurt etc. Champagne, Gascogne etc. circumstancia ésta que os eguala em prosapia, á d'essas emigrações que constantemente estão entrando em Portugal, vindas da Galliza, se ellas em logar de virem fazer serviço corporal carregando ás costas, dando agua e prestando-se a todos os misteres da domesticidade, tentassem a nossa invasão.

O livro d'oiro dos asmados que foram á jornada de Hastings, era bem de chumbo. E o do seu duque não era melhor. O titulo popular com que o tratavam era o de *famoso barão*. Este tratamento não era só por concomitancia. A consciencia de cada um estava alli para o asselar com o punho da espada. Não era ao clarão do incendio ateado pela guerra que se travára tanta familiaridade, era em virtude de contractos ou *firmidões* celebradas á guisa das pragmaticas d'aquelles seculos. Passados quatro annos da conquista ainda Hugh d'Abrinius, por sobrenome Lupus, recebeu do conquistador o condado de Chester para o ter pela espada tão livre como elrei tinha a Inglaterra por ter a coroa d'ella. Os condes n'este condado (Cheshire) não relevavam do rei, mas tenit in dominio. E os feudatarios d'estas terras relevavam do conde e não do rei. Aos nove annos da conquista se alevantaram os barões contra Guilherme, por elle querer interferir nas suas alianças de familia. E desde a morte, em 1135, de Henrique I filho do conquistador e seu immediato successor, até 1155, em que veio ao throno Henrique II, um dos seus netos, toda a raça d'ésta dinastia não apresenta uma quadra mais terrivel de insurreições do que ésta, alimentadas pelo muito senhorio dos barões. Ainda durante todo o reinado d'este ellas continuaram e n'ellas figurou prominente em hostilidades, contra o pai pelos filhos, um descendente d'esse conde de Chester, a quem o conquistador tinha dado o titulo do condado. Pareceria que a epocha de alguns d'estes exemplos que apresento, não data de tempo bastante depois da conquista para fazer um aresto, e que a revolta em que andavam era incitada pela ambição dos principes da mesma familia; parecerá isto, e por isso se intenderá que não póde proceder uma proposição tão absoluta como aquella que eu pertendo estabelecer, qual a da egualdade entre todos os homens d'armas que foram n'ésta correria, e que um contracto civil se não robora simplesmente porque se assiste a um campo de batalha.

Perguntando os commissarios do rei Eduardo I, decorridos ja dois seculos e oito annos, ao conde de Warenne pelos titulos das terras que chamava suas, tirou da espada e redarguiu, que Guilherme-o-conquistador não tinha conquistado o reino para si somente, o seu antepassado tinha sido co-aventureiro na empreza, e que elle estava resolvido a manter na sua familia os bens que desde aquelle tempo tinham ficado n'ella incontroversos. O rei conscio do perigo em que incorria cessou de proceder mais n'estes inqueritos. Com outro condestavel do reino, querendo o mesmo rei que elle fosse a Gasconha lhe disse: *Senhor conde, por Deus, ou ha de ir ou ser inforcado.... Por Deus, senhor rei, nem hei de ir nem ser inforcado....* e virou-lhe as costas, elle e mais trinta. Estas altanerias apparecem tão tarde ainda como os fins do seculo XIV, em que os barões tentam capturar o rei Henrique IV por elle se ter apoderado do throno a despeito de muitos d'elles. Não estavam elles tão deprimidos que não bastasse, mesmo n'ésta era, passados 350 annos da conquista, que ajuntando-se cinco dos mais poderosos não podessem abalar, e até fazer mudar a successão real. Assim o fizeram até 1485, que são 425 annos contados da grande invasão. O principe em summa não era senão um chefe maior de uma associação voluntaria com outros chefes menores. Uma lei internacional é que os governava. Todos os attributos da soberania em miniatura alli se presenciavam entre elles; e os mais d'elles eram rivaes da coroa.

Fica patente e fóra de toda a dúvida que os direitos de Guilherme, estavam autuados na sua acha de batalha, assim como o de todos os seus companheiros, *matula* arrebanhada de toda a parte, expressão ésta equivalente á de Thierry extraida dos originaes. Um quinhão na prêsa para coadjuvar na sua captura, tinha sido offerecido e regeitado pelo rei de França. Os proprios barões da Normandia recusavam-se a monteal-a e não foram a ella senão inganados e illaqueados. Pelas difficuldades que n'isso havia as convenções feitas para angarear auxilios são monstruosas. Entre ellas, para servir de amostra, citarei a de um bispado em expectativa cedido a um aventureiro por um barco e vinte homens, e o mais é que elle foi investido n'elle. O fundador de tão grande imperio conhecia tanto a parçaria da expedição, que antes da peleja declarou, para ingodo, que cada um se pegasse áquillo que podesse agarrar, homens, mulheres, terras, casas, casaes, cidades, moveis, immoveis, tudo emfim, e que lhe chamasse seu. Depois mesmo do combate estando aope de Londres disfarçou a vontade, porque almejava, de ser coroado, por não pôr de prevenção os circumstantes allegando que a conquista era de todos. Verificada essa cerimonia, a coroa, que se não reputou em toda a sua dynastia mais que um grande feudo, não soffreu abalo nunca na sua cabeça, porque era homem de rara e não commum capacidade. Seus filhos é que o inquietaram, e temeroso d'elles não póde ir á Terra-Santa. Mas na vida d'estes experimentou ella tantos recontros, que as parcialidades, póde-se bem dizer, a tinham sempre em *échec* quando não era *mate*. Em 1233 sendo convocados os grandes por Henrique III disseram-lhe que ou elle mandasse embora os extrangeiros ou senão que o mandavam a elle junto com elles. D'este mesmo rei exigiram a nomeação feita por elles dos officiaes reaes da sua casa. Por qualquer injuria que soffria um grande, a reparação era arrancar a coroa a seu dono e pô-la na propria cabeça. Assim succedeu a Ricardo II com Henrique IV. A rainha Mathilde filha de Henrique I, filho do conquistador, por isso que o reino lhe não tinha sido devolvido em conselho dos barões, foi-lhe tirado e passou toda a vida em angustias para o recobrar. Henrique II tendo muitos filhos, dispunha-se a repartil-o entre todos para não deixar a nenhum d'elles desaccommodado, como se fosse, ou peior do que se, fosse um patrimonio de hoje em prazos livres: tanto oscilava então a indivisibilidade politica da monarchia.

(Continúa.) *Claudio Adriano da Costa.*

**DOCUMENTO IMPORTANTE PARA A HISTORIA DAS ILHAS DE CABO-VERDE.**

147 Tendo-me merecido sempre a maior attenção a nossa *historia ultramarina*, ja pelos sabios e patrioticos dictames que recebi de meu pai o Sr. conselheiro José Joaquim da Silva Freitas, ja convencido pela diuturna experiencia que muito convem dedicarem-se a este estudo os officiaes da secretaria d'Estado dos negocios da marinha e ultramar; porque ésta *secção* d'aquella secretaria é tão difficil, variada e transcendente, que o *Conde das Galveas, D. João*, que d'ésta repartição fôra ministro, costumava dizer: *que era a parte encyclopedica da sua pasta*: por tudo isto não podia eu deixar de ler com anciedade a obra, ha pouco publicada, com o titulo de — *Ensaio sobre a statistica das possessões portuguezas etc. escripto de ordem do govêrno — pelo Sr. Lopes de Lima* — e com tanto mais interesse quanto é certo que para ella foram franqueados todos os *archivos das repartições públicas*, permittindo-se a averiguação dos livros e maços mais reservados. Esperei pois incontrar resolvidas n'ésta obra algumas das difficuldades chronologicas, e aclarados alguns pontos duvidosos, que offerecem ao historiographo as circumstancias do descobrimento das ilhas de Cabo-Verde; porém, não sem surprêsa vi, que ficava subsistindo na mesma incerteza e obscurismo um dos pontos controversos da historia d'esse descobrimento.

O Sr. Lopes de Lima na sua introducção ao livro 1.°, depois de relatar o descobrimento das tres ilhas mais meridionaes do archipelago de Cabo-Verde, a de Maio, San'Thiago e Fogo (ou San'Filippe), passando a tractar das outras sette d'esta maneira se expressa: «As outras sette nos diz João de Barros (que n'este ponto é um pouco confuso), terem sido descobertas por uns criados do infante D. Fernando, que eram tambem idos ao descobrimento d'ellas. Isto é extremamente vago; e mais parece uma conjectura do auctor dos que uma opinião fundamentada.» E depois do Sr. Lopes de Lima formar os seus juizos sôbre a veracidade do descobrimento das sette ilhas, continúa: «Tudo isto porém são conjecturas: além d'este primeiro descobrimento, nada se encontra de positivo em João de Barros, nem nos auctores a que elle recorreu — Gomes Eannes de Azurara e Affonso da Cerveira.» E dá o Sr. Lopes de Lima por concluida ésta questão nos seguintes termos: «Quanto ao achado das outras ilhas (das sette) ahi ficam as conjecturas, de que o leitor póde escolher.» Ora, da leitura do documento que exhibimos se deprehende, que João de Barros não foi tão confuso, nem tão *infundado* e *conjectural* o que elle disse, como se presume: apenas teremos que notar-lhe a falta do nome do criado, ou criados do infante D. Fernando, que foram ao descobrimento das sette ilhas em questão: porém o seguinte documento vem acudir-nos n'esta necessidade, declarando-nos, que o descobridor fôra *diego affomso* (Diogo Affonso); tornando-se consequentemente um valioso subsidio para a historia das ilhas de Cabo-Verde, duplamente apreciavel, quando considerarmos que na falta d'elle teriamos que fraquejar, para assim dizer, sempre que houvessemos de escrever sôbre ésta importante parte das nossas possessões ultramarinas. Os trabalhos historicos e statisticos sôbre os nossos dominios d'além mar, para serem escriptos com toda a exactidão, ou até á saciedade do leitor curioso, é tarefa que demanda aturadas investigações, um longo exame, uma cançativa confrontação, discernimento tranquillo, e porventura a maior paciencia: humilde opinião ésta nossa que ousâmos emittir fundados na propria experiencia, porque, para nosso particular estudo, emprehendemos no anno de 1827 um trabalho, ao qual demos o titulo de — Entertenimentos sôbre as nossas possessões ultramarinas — que mau grado nosso, ha sido interrupto pelas vicissitudes humanas. Hoje nos occupâmos com mais alguma preferencia dos assumptos concernentes ao archipelago Açoriano, não so porque mui pouco, ou mui inexactamente, é o que d'elle nos tem dito escriptores nacionaes e extrangeiros, mas em tributo de gratidão, pela maneira distincta e obsequiosa, com que fomos constantemente honrados pelos homens illustres e litteratos, assim da ilha Terceira como da de San'Miguel, durante o tempo que tivemos a satisfação de permanecer n'aquelles pingues rochedos, que melhor chamariamos risonhos emblemas do luso diadema.

Eis aqui o documento a que nos referimos:

Dom Affomsso etc. A quamtos esta carta virem fazemos saber que o iffamte dom fernando meu muito prezado e amado irmaão nos disse que huum guomçallo fernandez morador em tavira em vyndo elle das pescarias do Ryo do ouro seemdo no peguo a lo es noroesle das ilhas da canaria e da ilha da madeira Ouve vista de huuma ilha e que por lhe o tempo seer contrario nom podera a ella chegar a quall o dito meu irmaão ja mamdara buscar por certos sinaaes que lhe della deram, e nom lha acharom e que por quamto elle a queria ora outra vez mamdar buscar nos pedia por mercee que lha dessemos *asi e pela guisa* que lhe temos dadas *as outras sete ilhas que diego affomso seu escudeiro achou a traves do cabo verde*. E nos visto seu requerimento queremdo lhe fazer graça e mercee temos por bem e outorguamos a dita ilha que achada he ou em allguum tempo se achar per seus navios ou por outros quaesquer em a dita paragem. E queremos que elle a tenha e aja de nos imteiramente com todallas remdas e direitos mando a juridiçom asi e pella guisa que ora tem e ha as dictas *sete ilhas* de que lhe asi temos feita mercee E porem mandamos a todollos nossos corregedores juizes e justiças officiaaes e pessoas a que ho conhecimento desto pertemcer e ésta nossa Carta for mostrada que lha cumpram e guardem e façam comprir e guardar como se em ella conthem e he comtheudo na outra Carta da mercee que lhe das di*sete ilhas* temos feita sem lhe sobre ello em allguum tempo ser posto nenhuum embargo nem duvida porque assi he nossa mercee e all nom façades dada em lixboa vynte nove dias doutudro Amtam cardoso a fez anno de nosso senhor jhesu christo de mil e quatro cemtos e sassemta dous. (*)

*B. J. Senna Freitas.*

## BELLAS-ARTES.

ESCULPTURA DO THEATRO DE D. MARIA II.

148 Esta semana foram collocados na fachada do attico que olha para a praça de D. Pedro, no Theatro de D. Maria II, as quatro tabellas ou meios-relevos

(*) *Real archivo da torre do-tombo, liv. 2 de Misticos, fl.* 155.

de que se deu noticia no n.º 8 da Revista. Representam as quatro partes do dia. O *crepusculo da manhan e o meio dia* estão para o lado do oriente, o *crepusculo da tarde e a noite*, para o do occidente. O tamanho das figuras é sôbre nove palmos, e na altura em que estão apresentam quasi as dimensões do natural.

O Sr. Fonseca, professor da aula de pintura historica da academia das Bellas-Artes de Lisboa, de accôrdo com o Sr. Assiz, professor da aula d'esculptura da mesma academia, são os artistas a quem se deve a execução d'este bello ornamento, tendo feito o primeiro o desenho e o segundo o modêlo das figuras. Os artistas que as lavraram no marmore foram os Sr.s: J. P. d'Aragão, J. H. Cesarino, J. G. Rodrigues, A. P. Schiappa Pietra, J. M. Caggiani e M. J. R. Latta, sendo d'estes dois últimos a *figura do meio-dia*, a primeira obra que fazem em pedra depois dos seus estudos na academia.

Todo este primoroso trabalho, desde o desenho até á collocação das tabellas, foi executado em menos de quatro mezes. De justiça se lhe devem os maiores elogios: o seu acabamento é admiravel de perfeição em todos os detalhes ainda os mais pequenos. Nota-se n'este ponto a delicada grinalda que orna a figura do *crepusculo da manhan*. Mas entre todas damos a preferencia á figura da *noite* — senão tambem pelo desenho, de certo pela sua poesia e elegancia — é uma dama adormecida com um menino nos braços.

Tracta-se ja tambem do alto-relevo que hade ornar o tympano do perystillo da praça de D. Pedro. É um grupo colossal, obra dos mesmos professores, cujo modêlo em-grande está quasi completo e representa Apollo e as musas. O seu effeito é ja admiravel. Se houver diligencia egual á que se empregou na execução dos meios-relevos de que acima fallâmos, póde estar concluido pelo meiado do anno futuro.

Depois hade tractar-se da estatua de Gil-Vicente para o vertice do angulo do tympano, e de outras duas estatuas — a tragedia e a comedia — para as extremidades do mesmo angulo.

Todos estes trabalhos honram sôbre maneira a nossa academia, e servirão para provar ao mundo o modo brilhante como entre nós vai revivendo e floresce a estatuaria. Torwaldson foi interrado ha pouco mais de dois annos com honras de principe; que ésta apotheose da esculptura exista sempre na memoria dos seus artistas!

# VARIEDADES.

## MODAS.

149 Este anno não tivemos primavera, em compensação os calores d'estio ameaçam de invadir a estação d'outono. Assim quem hade ter ânimo de deixar o campo? Embora a quadra dos banhos convide as damas e os elegantes: está-se tam pouco tempo n'agua... e de la fóra quem póde com esse abrazeado da cidade, com o pó d'essas ruas macdamizadas a *sêcco*? Se sempre se podesse estar n'agua ou a tomar sorvete... A proposito de sorvete, não são menos de oito os cafés que hoje vendem *neve* em Lisboa; pois sabem os leitores quantos copos d'ella gastaram em hora e meia dois d'estes *cafés*, e n'um mesmo sitio — a praça de D. Pedro — obra de quatrocentos e cincoenta no domingo 24 d'agosto! Ja é vontade de se gelar: mas a razão é porque os lisbonenses so podem ser *frios* artificialmente. E como agora é conveniente sel-o...

Vamos porém ás modas que as amaveis leitoras tem quijilia com a *frieza*, e tambem nós temos medo de nos tornar-mos glaciaes. Recebemos figurinos de Paris até 25 do passado: ja se vê que *andâmos em dia*. As barejas é a fazenda do tom na capital do bom-gôsto. Os roupões de cassa para de manhan, ou as camizas á amazona (especie de *mandrião*) guarnecidas de fitas, com meias-mangas largas, e as saias de musselina, é tudo quanto ha de mais elegante. Os vestidos de bareja por cima de saias de taffetá de côr, ornadas de laços de taffetá chinez, formam uma linda *toilette*. Usa-se muito o degote, e o penteado ornado de flores naturaes, *mitaines* de melania ou veludo, e manta de cazemira guarnecida de passamanes. Tambem usam as romeiras com entremeios.

Os redingotes de seda (especie de jaleco) com passamanes, e os vestidos de seda em listas, degotados e guarnecidos de renda, com avental de taffeta; formam outra *toilette* muito mimosa.

Os figurinos começam a trazer os bellos caracoes pendentes em *sacarolhas*, mas continúa ainda a modesta *pasta* tapando as orelhas; moda ja demasiado duradoira: será porque as senhoras procurem uma defensa aos ditos semsabores dos elegantes? Os chapeus são de palha d'Italia guarnecidos de veludo preto e debruados á roda de renda preta fluctuante. Temos visto alguns em Lisboa de palha do Fayal superiores em lustre e finura aos d'Italia.

Os improvisos das modistas de Paris para as modas d'outono não tardam a chegar: guardem as amaveis leitores para então o resto da sua curiosidade, que nós promettemos de lhes dar amplas informações.

## CORREIO EXTRANGEIRO.

150 Formou-se em Trieste uma sociedade para favorecer o desinvolvimento do commercio austriaco com a India e China. E'sta associação obteve auctorização do govêrno para ser formada por acções.

Hade enviar á China e á India os productos austriacos, e mesmo alguns artefactos extrangeiros, quando for preciso completar a carregação; e adiantará dinheiro sobre os objectos exportados. O seu capital é de um milhão de florins, dividido em mil acções. No fim de trez annos, se a sociedade tiver bons resultados o seu capital poderá ser augmentado. Requereu-se ao govêrno que estabelecesse um consulado-geral em Singapore.

---

E' notavel que de todos os soberanos da Europa haverá hoje apenas quatro ou cinco que não andem viajando dentro ou fóra dos seus Estados.

---

Por occasião da inauguração da estatua de Beethoven dêu-se em Bonn um brilhante concerto regido por Meyerbeer, a que assistiram quatro soberanos e muitos principes de sangue-real. Tocou piano a solo o celebre Liszt.

A cidade de Athenas augmenta todos os dias em fundações scientificas e philantropicas de toda a especie. Ao museu do acropolis reuniu-se uma bibliotheca á qual os reis de Napoles e da Prussia teem feito presentes verdadeiramente reaes. Alguns riccos proprietarios estabeleceram um magnifico seminario. Outro ricco proprietario mandou construir á sua custa um observatorio e comprou os necessarios instrumentos. Outro offereceu uma avultada quantia á Universidade para ser applicada para premios aos estudantes pobres. Os gregos contribuem todos, cada um como póde, para o progresso material e moral da sua patria. Os negociantes de Trieste, Odessa, e Smyrna, rivalizam com os de Athenas n'este nobre empenho: é um documento de patriotismo e illustração muito para seguir, e merecedor do maior elogio.

---

O rei de Dinamarca acaba de criar uma nova ordem militar, que consiste n'uma medalha com o retrato do rei de um lado e a seguinte inscripção — Christiano VIII: do outro lado as palavras '*Ao Merito*' cercadas de uma coroa de carvalho. O nome da pessoa condecorada hade ser gravado na sua extremidade.

---

A mania de visitar Paris tem sido tão contagiosa que até foi tocar as tribus selvagens da America do norte. Apenas despedidos os I-o-ways, *pelles-vermelhas*, entram os O-jib-he-ways. O desenho d'estes indios na *Illustração* franceza é das mais curiosas coisas que se podem ver, sobretudo os ornatos da cabeça são do mais extravagante gôsto. Onze são elles', quatro chefes, tres mulheres, tres meninos e um interprete.

---

## CORREIO NACIONAL.

151 Como a Revista publica hoje um artigo sôbre homœopathia virá a proposito dizer, que um dos últimos jornaes inglezes nos dá a noticia de que um caso grave de cholera-morbus, foi radicalmente curado em Londres, no começo do mez passado, pelo methodo homœopatico praticado pelo celebre Dr. Curie.

---

No dia 21 do passado meia-hora depois do meio-dia, sentiu-se um forte abalo da terra em Loulé, que fez rachar algumas paredes, e bateu trez pancadas o rologio da villa. O movimento dilatou-se até Albufeira.

---

A Caixa-economica da Companhia 'Confiança-nacional' recebeu 6:536$835 réis, restituiu 2:384$242 réis, e teve 18 depositantes novos, na semana que findou em 30 do passado.

---

Diz-se que a companhia de fiação e tecidos d'algodão, que por accôrdo com o Contracto-do-tabaco cedeu o edificio de Xabregas, vai estabelecer a sua fábrica no edificio do Sr. Raton na praia do Calvario, á Junqueira.

---

Parece que as experiencias magneticas estão finalmente introduzidas em Lisboa. Falla-se muito de magnetizados e magnetizadores; comtudo o magnetismo marcha ainda rebuçado: não ousa por em quanto apresentar-se á luz pura da publicidade. Até ouvimos fallar de applicações therapeuticas...

---

O Conservatorio-Real prepara os seus exercicios-publicos para um dia proximo. Entre as peças executadas pela eschola de musica hade ouvir-se, pela primeira vez, um coro da celebre composição de Haydn a 'Creação.'

---

Domingo, certa familia quando voltava de Bellas, onde fôra procurar algumas horas de prazer por occasião da festividade que n'esse dia alli se celebrava, achou a casa e seus haveres reduzidos a cinza. Foi uma propriedade proximo á Bemposta que junta com outra ardeu, segundo se diz, por embriaguez de um criado.

---

No anno lectivo de 1844 — 45 frequentaram o lyceu-nacional de Braga 209 alumnos ordinarios, sahiram approvados 102, perderam o anno 42. O professor recommenda particularmente á consideração pública pelo seu *talento e applicação*, 14 dos alumnos cujos nomes se leem no 'Diario' de 28 do passado.

---

Falla-se muito que o govêrno de S. M. vai mandar construir uma boa povoação no territorio de Mossamedes, em Africa.

---

Esperam-se no Tejo tres novos vapores mandados construir a Inglaterra; um por conta do Thesoiro para servir na Marinha, outro mandado construir pela Alfandega para seu serviço, e o terceiro á ordem do novo Contracto-do-tabaco, talvez para perseguição do contrabando.

---

Domingo, deu-se no theatro do Salitre um drama de F. Soulié os 'Estudantes de Paris.' E'sta peça tem bastante merecimento e interesse; é sobretudo uma licção moral dada sem pertenções. O Sr. Assiz no 5.º acto, na scena com sua mãi, póde dizer-se que vai excellentemente; e a Sr.ª Josephina no final do 4.º acto tem muitas inflexões bastantemente felizes.

---

O 'Circo Laribeau' desempenhou como era de esperar a sua magnifica contradança e valsa equestre. Pela riqueza do vestuario, pelo ar dos cavalleiros de ambos os sexos, pelo bello desempenho, e por todo o complexo, tem produzido este espectaculo um decidido enthusiasmo.

---

Um distincto general do nosso exercito acaba de completar um seculo d'existencia; mas ha ainda n'isto uma circunstancia singular, foi este o primeiro dos seus anniversarios que elle solemnizou: o illustre militar teve em torno de si uma familia numerosa, cujo jubilo completava a satisfação do seu venerando chefe.

---

Os arraiaes e fogos-d'artificio estão decididamente em moda. Domingo e Segunda-feira houve uma e outra coisa em Cacilhas: a affluencia foi immensa: calcula-se que no segundo dia so os vapores transportaram obra de quatro mil pessoas. Divertimento identico se annuncia para o proximo domingo. N'este de que fallâmos viu-se pela primeira vez fogo volante colorado d'artifices nacionaes.